

O USO DO WHATSAPP NA TRANSMISSÃO DO SABER RELIGIOSO DO AXÉ OJO L'ONIN

THE USE OF WHATSAPP IN TRANSMISSION THE RELIGIOUS KNOWLEDGE OF
AXÉ OJO LONIN

EL USO DE WHATSAPP EM LA TRNSMISIÓN DEL CONOCIMIENTO RELIGIOSO
DEL AXÉ OJO LONIN

Moisés Santos do Nascimento

Resumo: Este trabalho analisa o uso dado ao whatsapp no Ilê Axé Alaketú Ojo L'onin, terreiro de candomblé situado na cidade de Itabuna-BA. Usando a etnografia virtual, fiz o acompanhamento do grupo criado pelo Babalorixá responsável pelo terreiro, com o objetivo de entender como acontece o processo de transmissão de saber nesse ambiente virtual e mapear os usos do aplicativo. No terreiro pesquisado a inserção no ciberespaço ocorre através do uso do aplicativo whatsapp, na qual pedagogia do candomblé, praticada no espaço físico do terreiro, é adaptada para o mundo virtual. Para que este estudo fosse possível, foi utilizado o método de pesquisa baseado na etnografia, a netnografia ou etnografia virtual onde o pesquisador é também participante, assumindo a posição de pesquisador insider, devido ao grau de aproximação com o objeto, as técnicas de coleta de dados envolveram entrevista semiestruturada realizada através do whatsapp e acompanhamento online do grupo, foi realizada também observação offline, ou seja no espaço físico de um terreiro ligado a família Ojo L'onin.

Abstract: This work analyzes the use of whatsapp in Ilê Axé Alaketú Ojo L'onin, a candomblé terreiro located in the city of Itabuna-BA. Using virtual ethnography, I followed up the group created by the Babalorixá responsible for the terreiro, in order to understand how the process of transmitting knowledge in this virtual environment happens and map the uses of the application. In the terreiro surveyed, insertion in cyberspace occurs through the use of the whatsapp application, in which candomblé pedagogy, practiced in the physical space of the terreiro, is adapted to the virtual world. For this study to be possible, the research method based on ethnography, netnography or virtual ethnography was used, where the researcher is also a participant, assuming the position of insider researcher, due to the degree of approximation with the object, the techniques of collecting data involved a semi-structured interview carried out via whatsapp and online monitoring of the group, off-line observation was also carried out, that is, in the physical space of a terreiro linked to the Ojo L'onin family.

Resumen: Este trabajo analiza el uso de whatsapp en Ilê Axé Alaketú Ojo L'onin, un candomblé terreiro ubicado en la ciudad de Itabuna-BA. Utilizando la etnografía virtual, seguí el grupo creado por Babalorixá responsable del terreiro, con el objetivo de comprender cómo ocurre el proceso de transmisión de conocimiento en este entorno virtual y mapear los usos de la aplicación. En el terreiro investigado, la inserción en el ciberespacio se produce mediante el uso de la aplicación whatsapp, en la que la pedagogía del candomblé, practicada en el espacio físico del terreiro, se adapta al mundo virtual. Para que este estudio sea posible, se utilizó el método de investigación basado en etnografía, netnografía o etnografía virtual, donde el investigador también es un participante, asumiendo la posición de investigador interno, debido al grado de aproximación con el objeto, las técnicas de recolección Los datos incluyeron una entrevista semiestruturada realizada a través de WhatsApp y monitoreo en línea del grupo, también se realizó una observación lineal, es decir, en el espacio físico de un terreiro vinculado a la familia Ojo L'onin.

Palavras-chave: Candomblé; Transmissão do saber Ciberespaço; Whatsapp.

Keywords: Candomblé; Transmission of knowledge Cyberspace; Whatsapp

Palabras claves: Candomblé; Transmisión del conocimiento Ciberespacio; Whatsapp.

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por objetivo investigar o uso do whatsapp no Ilê Axé Alaketú Ojo L'onin para a transmissão do saber religioso, este terreiro de candomblé, do qual faço parte, está situado na cidade de Itabuna-BA, e é por ser um de seus filhos que quis torná-lo também foco da minha pesquisa. Percebi que o uso do Whatsapp no contexto da religião ainda é um tabu, principalmente nas casas mais tradicionais onde o celular chega a ser proibido dentro dos seus muros, no entanto minha família de axé o utiliza de modo a se beneficiar, fenômeno um tanto incomum ao ser comparado com algumas outras casas.

O candomblé tem suas estruturas fincadas na tradição oral e na ancestralidade, sendo assim, o conhecimento sobre os ritos, cultos, etc, foram passados ao longo dos anos sem que houvesse um livro litúrgico, pois, “a transmissão oral do conhecimento passa a ser veículo do axé, do poder, da força das palavras que permaneceriam mortas num texto escrito” (Cossard – Binon 1991 apud Siqueira 1998 p.203). A passagem de conhecimento obedece a uma hierarquia de cargos e idades de santo, além de ser restrito aos seus adeptos, dessa forma, no seio desta comunidade, existe uma pedagogia própria, descrita no trabalho de Conceição (2006).

A religião é, também, rica em seus *Awó* (segredos), referentes as suas liturgias e rituais, revelados apenas para aqueles que possuem determinado grau de evolução dentro da religião fazendo parte dos aprendizados, sendo assim, esses segredos poderiam perder o sentido diante das tecnologias digitais, ou seja, o uso das novas tecnologias e mídias digitais no seu contexto, poderia gerar conflitos, devido às múltiplas significações dada as TDICES - Tecnologias Digitais da Informação, Comunicação e Expressão, pelos adeptos (PEREIRA & CAPUTO 2014), o que a princípio provocaria certa tensão no meio religioso, no entanto no Axé Ojo Lonin, percebo candomblecistas utilizando o aplicativo de modo a se beneficiar de seus diversos recursos, proporcionando situações favoráveis a religião.

Desse modo busquei investigar como o ILÊ AXÉ ALAKETÚ OJO L'ONIN utiliza o whatsapp como ferramenta para transmissão do saber religioso, observar e mapear como esse aplicativo é utilizado no terreiro e, descrever como é tratado o conhecimento religioso no grupo de whatsapp.

A TRANSMISSÃO DE SABER DO CANDOMBLÉ ATRAVÉS DO WHATSAPP

O terreiro de candomblé abordado neste trabalho, o Ilê Axé Alaketú Ojo L'Onin tem como Babalorixá, Fábio Gomes de Logun-Edé, não tem uma sede própria construída, sendo

esse um dos motivos para a criação do grupo no whatsapp, seu local de culto provisório está situado na cidade de Itabuna-BA.

O grupo ativo no Whatsapp recebeu o mesmo nome do terreiro, AXÉ ALAKETÚ OJO L'ONIN, com exceção da palavra ILÊ que em tradução livre significa casa e corresponde ao terreiro (espaço físico), sendo administrado pelo sacerdote, o Babalorixá Fábio. A criação do grupo teve como intuito manter a família unida e não deixar que o aprendizado parasse, “foi uma forma de poder ensinar de uma vez só a todo o grupo, tendo em vista que vários filhos moram em várias partes do país”, disse o Babalorixá Fábio em uma de nossas conversas.

Usar o Whatsapp para passar conhecimentos a respeito do axé, é uma realidade relativamente nova dentro dos terreiros de candomblé, principalmente os mais antigos e tradicionais, pois ao longo dos anos os ensinamentos foram sempre passados nas rodas de conhecimentos e nas funções do ilê, obedecendo o que Conceição (2006) vai definir como pedagogia do candomblé, no entanto a nova geração de adeptos em sua maioria, nativos digitais imersos, incluíram nesse contexto as TDICEs (Tecnologias Digitais da Informação, Comunicação e Expressão) e, assim colocaram o candomblé no ciberespaço, fazendo com que a sua rede educativa, que representa as diversas formas de adquirir conhecimento, fosse expandida para o mundo virtual com o uso do aplicativo.

O grupo, criado no aplicativo, é voltado para o aprendizado, para manter contato com a família, tratar coisas referente ao nosso axé, e conhecer novos membros da *egbé* (família). Sempre que há um novo no membro do terreiro, ele é apresentado ao grupo, pois, como dito por Babá, é uma espécie de anexo do terreiro.

Nesse sentido, o principal uso dado ao whatsapp é como ferramenta para a transmissão do saber, que acontece através de técnicas de ensino utilizadas por Babá. Essas técnicas partem principalmente do ato de despertar a curiosidade nos filhos, utilizando-se dos recursos de áudio para ensinar rezas e cânticos; Vídeo, utilizado para atos, como a maneira correta do *adobá* (benção) e textos, como receitas de comida de Orixá, *itân* (lendas), etc.

AS TÉCNICAS ONLINE PARA A TRANSMISSÃO CONHECIMENTO DE AXÉ

As técnicas de ensino utilizadas, vão na contramão do que é comum nos terreiros tradicionais. O Babalorixá se utiliza de técnicas adaptadas para o uso no whatsapp, em suas palavras diz que o fato de utilizar o whatsapp, que é um aplicativo mais comum entre os jovens, já pode ser considerado como uma técnica ou estratégia para a transmissão do conhecimento pois, busca falar uma linguagem mais jovial, tentando tirar o autoritarismo dos

antigos Babalorixás que traziam em seus modos de ensinar vestígios do tratamento dado aos escravizados.

No processo de ensino-aprendizagem no candomblé, o ato de perguntar nem sempre é bem visto nas casas tradicionais, pois “perguntar a fim de obter respostas faz parte da possibilidade em definir e organizar as categorias, no candomblé primeiro aprende-se a ouvir para depois poder falar.” (PREVITALLI, 2014), ou seja, perguntas são melhores recebidas quando feitas por pessoas já iniciadas e com maior idade, no entanto no grupo as perguntas são sempre bem vindas e incentivadas.

Espera-se que os filhos – integrantes do grupo demonstrem interesse para que se possa iniciar um assunto. Em um dos momentos de aprendizagem foi colocado no grupo um pequeno enunciado sobre os tipos de *Ejé* (sangue), e nada mais foi dito pelo Babalorixá, passado algum tempo e sem que ninguém fizesse pergunta alguma, então em uma mensagem de voz foi enviada pelo Babalorixá, transcrita a seguir: “gente, ninguém vai questionar nada não? Qual o sangue animal? O vegetal e o mineral? E o sangue de cor branca?”. Nesse episódio fica explícito a importância de perguntar e ser curioso, percebemos diante disso que a intencionalidade em aprender, deve partir de quem aprende.

As “enquetes” também são utilizadas no grupo para se obter/transmitir conhecimento, que são perguntas simples direcionadas ao grupo, podem ser postadas por qualquer integrante e espera-se que todos respondam, é um meio de incitar algo como uma competição e proporcionar uma certa agitação pois todos se esforçam para responder. Quando o conteúdo da pergunta ou a resposta tenha que entrar em conhecimento restrito aos iniciados, ou mais velhos no santo gentilmente é dito que ainda é cedo para aprender isso, ou é explicado apenas para aqueles que podem receber o conhecimento em uma conversa direta com quem perguntou ou a quem se interessar e possa receber o ensinamento.

Há ainda os momentos em que são enviados textos, ou “receitas” e a partir daí cria-se uma discussão baseada no tema, que pode ser uma comida de santo, um apontamento sobre conteúdo religioso ou ritual, uma postagem referente ao comportamento de alguém e/ou algum ocorrido em uma outra casa, nesse ponto é necessário entendermos que, no candomblé, falar sobre fatos ocorridos em outros terreiros ou o comportamento de alguém também representam um meio de adquirir conhecimento, não sendo algo antiético (CONCEIÇÃO, 2006), desse modo, todas essas coisas servem para desencadear um momento de ensino-aprendizagem.

Em se tratando de *oriki* (reza), geralmente é enviado um áudio com a reza, espera-se que os filhos respondam entoando os versos, ou rezem em um outro momento, para não

perder aquele áudio entre as mensagens, é possível marcar como favorito, graças a uma das ferramentas do aplicativo, ou ainda guardar o arquivo em uma outra janela para aprender depois.

O aprendizado do *orin* (cântico) segue a mesma linha das rezas, sendo passados através do áudio, geralmente são os momentos mais movimentados, pois todos querem louvar ao seu Orixá, ou aprender algum cântico novo, assim os áudios se multiplicam rapidamente.

Para atos como danças ou modos de se tomar a benção, aprendizados mais práticos, na maioria das vezes é utilizado o recurso de vídeo proporcionado pelo aplicativo, por exemplo em uma ocasião quando foi passado a maneira correta de se tomar o *adobá* (benção), ato em que o iniciado, deita ao chão e a depender do seu Orixá, sendo *Oborô* (Orixá masculino) ou *Yabá* (Orixá feminino) são realizados atos diferenciados ainda no chão.

Para auxiliar nesses momentos de aprendizagem, o Babalorixá também desenvolveu o que ele chama de “Apostila do Iaô”, nesta apostila constam algumas orientações como por exemplo: o que fazer ao chegar no terreiro, o que levar para o terreiro, explicações básicas sobre alguns rituais, algumas rezas de Orixá e etc. A apostila é disponibilizada virtualmente para todos aqueles que demonstram interesse.

Além das técnicas já mencionas, nesse ambiente ocorre também as interações corriqueiras e as discussões propostas por textos enunciativos, como comportamentos de filhos de santo, ou ocorridos de algum outro, segundo Gozzi (2012) essas interações corriqueiras também são geradoras de aprendizado e, Conceição (2006) trata as discussões sobre acontecidos em outros terreiros ou comportamentos alheios, também como meio de aprendizado, assim é possível perceber que o grupo se torna uma comunidade virtual de aprendizagem onde o Babalorixá é o mediador pedagógico, Gozzi (2012) diz que a diferença básica entre uma comunidade virtual e uma comunidade virtual de aprendizagem “é a intencionalidade”, ou seja quando há a intenção de ensinar e/ou aprender.

O WHATSAPP E O TERREIRO: ADAPTAÇÃO

Para que seja possível se beneficiar do whatsapp de modo a criar uma comunidade virtual de aprendizagem, é preciso que haja adaptação a essa nova realidade, esta adaptação passa pelo processo de entendimento que a ferramenta não irá representar o único meio de obtenção do conhecimento religioso, pois é preciso que haja a vivência do terreiro, desse modo, sabe-se que a tecnologia não irá sobrepujar o terreiro. Neste processo de adaptar-se ao tempo em curso a religião deixou de ser uma comunidade oral primária, pois agora a escrita e os arquivos de mídia já fazem parte do seu contexto.

É preciso dizer também que este processo de adaptação, de maneira alguma descaracteriza o candomblé como religião de tradições, pois ao contrário do que se pode pensar, a tradição neste campo não é estática e, assim como a Orixá Nanã, representada como uma senhora e uma das mais “velhas” *Yabá* (Orixá feminino), é também dona do saber e por isso proporciona novos aprendizados, que nas mãos de Ogun e Exú se transformam em tecnologia, sendo assim, o candomblé não o deixa de ser ao se abrir aos novos tempos, e as novas tecnologias.

Abrir as porteiras do terreiro para o novo, não representa uma cisão com a tradição, mas sim uma estratégia de sobrevivência na contemporaneidade, onde, em muitos casos, os filhos não residem próximo aos terreiros.

Exú, nesse contexto, emerge como elemento de ligação entre o filho de santo e seu terreiro, pois, é o Orixá que representa a dúvida e o ímpeto de saber sempre mais, ele é o que liga e conecta tudo, é o mensageiro que passeia entre todas as nações e fala todas as línguas existentes, por isso, mestre da comunicação, é também o senhor dos caminhos, inclusive a trama de caminhos que é a rede mundial, é ele que movimenta o caos do ciberespaço e transforma em ordem, permitindo que haja a comunicação, fazendo-nos manusear tranquilamente as mídias digitais. Se em tempos remotos Exú permitiu ao homem aprender o jogo de búzios para se comunicar com os Orixás, hoje nos entregou a tecnologia como uma de suas ferramentas para propiciar a comunicação.

Sendo assim, compreendo o aplicativo whatsapp como uma de suas artimanhas em prol da comunicação, do ato de comunicar, da conversação, situando os interlocutores entre o perto e o longe, perto a ponto de estabelecerem comunicação e longe fisicamente a ponto de não haver tato, mais uma de suas contradições, estar presente sem estar.

Através das artimanhas de Exú, o whatsapp se tornou, para os integrantes do Ojo L'onin, um espaço de convivência, onde podem se comunicar e de certa forma encurtar as distâncias, sendo também um anexo do terreiro e, servindo como ponto de encontro para discussão e aprendizado, justificado pelo fato de o terreiro estar ainda em processo de construção, além de muitos dos integrantes residirem em cidades distantes, como no caso de uma das filhas de santo, já ialorixá, residente na cidade de São José – SP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos que frequentam os terreiros de candomblé, representam um grupo social, que faz uso específico das TDICEs, sendo este um grupo do qual também faço parte, busquei entender como o whatsapp pode contribuir no processo de transmissão do conhecimento,

além de pensar sobre seus usos, crucial para mim, professor da área de tecnologia e a outros que compartilham o mesmo campo.

O whatsapp é uma das tecnologias digitais mais comuns entre os jovens que ocupam as salas de aula e, as pesquisas sobre sua utilização nem sempre apontam para benefícios, porém, pude perceber candomblecistas utilizando-o de modo a se beneficiar de seus diversos recursos, e proporcionando situações favoráveis a transmissão do saber religioso no aplicativo, através de técnicas e adaptações necessárias, sem que seja possível encerrar o espaço físico, mas do contrário expandindo-o ao ciberespaço.

Desse modo, este estudo faz uma análise inicial do uso dado ao aplicativo pelos adeptos do Ojo L’Onin, o campo demanda mais incursões, pois acredito que a pedagogia utilizada no terreiro e adaptada ao ciberespaço pode contribuir com a discussão sobre o uso das tecnologias no meio educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCEIÇÃO, Lúcio A. A. da. A pedagogia do Candomblé: Aprendizagens, Ritos e Conflitos. Tese (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). UNEB – Universidade Estadual da Bahia. Salvador - BA. 2006.

FRAGOSO, Suely. RECUERO, Raquel. AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Meridional/Sulina, 2011. Disponível em: <<http://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/530.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2018.

GOZZI, Marcelo P. Gestão pedagógica em comunidades virtuais orientadas para a aprendizagem: a importância da formação do professor mediador. São Carlos: Revista eletrônica de educação, v.6, n.2, 2012. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em: 07 de junho de 2018.

PEREIRA, Máira C. A; CAPUTO, Stela G. Dialogando com narrativas digitais e aprendizagens nos terreiros de candomblé. Revista Tempos e Espaços em Educação, n.14 2014.

SIQUEIRA. Maria de L. Agô Agô Lonan. Mazza Edições. V.1, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido (org). Saberes Pedagógicos e Atividades Docentes. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOBRINHO, J.D. Avaliação: políticas educacionais e reformas da educação. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Cármen Duarte da, et al., “ De Como a Escola Participa da Exclusão Social: Trajetória de Reprovação das Crianças Negras” in ABRAMOWICZ, Anete, et al., Para Além do Fracasso Escolar, Col. Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico, Papyrus Editora, Campinas, São Paulo, 1997, pp. 27-46.

SILVA, Cármen Duarte da, Avaliação da Aprendizagem na Escola e a Questão das Representações Sociais. Eccos Revista Científica, vol. 4, fac. 02, Universidade Nova de Julho, São Paulo, pág. 79 a 88, 2002.